

ELISA DOS SANTOS VARELA

As Mulheres e as Letras Cabo-verdianas

Trabalho Científico apresentado ao ISE para obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e portugueses, sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Arminda Brito

O JÚRI

.....

.....

.....

ISE, Praia, \_\_\_\_/\_\_\_\_/06

## *DEDICATÓRIA*

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe Adelaide e à minha irmã Carmelita, minha segunda mãe.

## *AGRADECIMENTOS*

Seria pouco ético terminar este Trabalho de Fim de Curso sem agradecer àqueles que me ajudaram nesta caminhada.

Começo por agradecer a Deus por me ter possibilitado realizar este trabalho;

Agradeço especialmente à professora e orientadora Dr.<sup>a</sup> Arminda Brito, pelo apoio científico prestado, pela paciência, pela forma aberta com que orientou o trabalho e pela documentação facultada. Sem o seu apoio a concretização deste trabalho não seria possível;

Agradeço igualmente a minha família pelo apoio incondicional que me tem dado;

À Fernanda Moreno pelo incentivo e sobretudo pela disponibilização do meio informático para a digitação do trabalho;

Às colegas e amigas, Nataniela, Clarice e Domingas, pelo apoio emocional e material;

Enfim, a todos os que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## ÍNDICE GERAL

<b>I. INTRODUÇÃO</b>	
Apresentação do tema .....	6
Objectivos do trabalho .....	8
Metodologia .....	8
Estrutura do trabalho.....	9
<b>II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
2.1. <i>O conceito de literatura e a literatura feminina.....</i>	<i>10</i>
<b>III. AS MULHERES NO CENÁRIO LITERÁRIO-CULTURAL CABO-VERDIANO</b>	
3.1 A Produção Literária das Mulheres Cabo-verdianas.....	15
3.2 Os géneros e subgéneros literários cultivados – a lírica, a narrativa e o drama.....	17
3.3 A temática na poesia lírica, na narrativa ou ficção e nos textos dramáticos.....	19
3.4 A figura feminina nos textos literários.....	21
<b>IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>V. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>31</b>

# I. INTRODUÇÃO

## 1.1. Apresentação do tema

A escolha do tema *As Mulheres e as Letras Cabo-verdianas* nasceu da constatação de uma lacuna no cenário literário cabo-verdiano. A participação literária e cultural das grandes figuras femininas, que contribuíram, na realidade, para impulsionar e activar, durante aproximadamente um século, a vida literária no arquipélago, não foi, até ao momento, objecto de estudo minucioso e sistemático. No entanto, a presença das mulheres nas letras cabo-verdianas data, dos princípios do século XIX, com a publicação dos primeiros poemas em Revistas e Almanques, editados no país e no exterior.

Da documentação consultada, destaca-se um grande número de escritoras, poetisas, cronistas, ficcionistas, romancistas entre outras. Ao analisarmos o percurso de cada uma delas, constataremos que não foram poucas as contribuições que essas mulheres deram à vida literária cabo-verdiana, não só através da escrita literária, mais individual, como intervindo em vários aspectos da vida social, criticando, opinando, desenvolvendo reflexões em torno de temas de interesse geral.

Um breve levantamento conduzir-nos-á aos nomes mais influentes. Dina Salústio, para além de contista, torna-se na primeira romancista da literatura cabo-verdiana, com o romance intitulado *A Louca de Serrano*; Fátima Bettencourt, professora de profissão, revela-se, nos últimos tempos, como uma excelente contista, colocando figuras femininas no centro dos universos

narrativos que constrói; Ondina Ferreira, sob o pseudónimo de Camila Montrond, publica, não há muito tempo, o seu primeiro volume de contos; Vera Duarte, autora do livro de poemas *Amanhã Amadruçada*, com prefácio de Ondina Ferreira, foi agraciada com um prémio atribuído pela Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV); Ivone Aida Ramos, com o seu primeiro livro de contos, intitulado *Vidas Vivas*, um conjunto de narrativas tecidas em torno, sobretudo, de personagens femininas. Maria Margarida Mascarenhas publica o seu primeiro livro de contos intitulado *Levedando a Ilha*, também ele sobre as mulheres, entre outros nomes. Orlanda Amarilys, radicada de há uns anos para cá em Portugal, tem colaboração dispersa pelo *Cabo Verde Boletim de Informação e Propaganda*, sobretudo poesia. Escreveu vários contos, organizados em antologias de que destacamos: *Cais do Sodré-té-Salamansa*, *A Casa dos Mastros* e *Ilhéu dos Pássaros*. Yolanda Morazzo que conquistou o seu lugar ao sol com o livro de Poemas *Cântico de Ferro* (1976) e *Dispersos*, publicados em Cabo Verde no *Suplemento Cultural* e nos *Modernos Poetas Cabo-verdianos* e que vê a sua poesia reeditada e apresentada recentemente (2006) numa *Antologia Poética da responsabilidade de uma editora portuguesa*.<sup>1</sup> Maria Helena Spencer, considerada a primeira jornalista e cronista cabo-verdiana, para além de se revelar uma excelente contista, vê os seus textos dispersos por periódicos nacionais e estrangeiros, sobretudo o *Cabo Verde Boletim de Informação e Propaganda*, reunidos mais recentemente, ano de 2006, num livro organizado e prefaciado por Ondina Ferreira; Aydeia Avelino Pires, com colaboração em jornais cabo-verdianos; Maria Júlia Sança, nome pouco conhecido talvez, uma poetisa com livro publicado de que se destaca *Arco-Virus e Vibra-Sóis*, hoje radicada em Toronto, no Canadá;

Lá mais atrás, há nomes de escritoras portuguesas, que viveram em Cabo Verde, ainda no contexto colonial, e que dedicaram os seus trabalhos literários ao arquipélago, onde passaram parte da sua infância e juventude. Referimo-nos certamente a Antónia Gertrudes Pusich, que viu os seus primeiros poemas publicados no Almanach, sob a forma de elegias, lamentos, preces ou cânticos, além de se ter aventurado na escrita de um drama. Outro nome a ter sempre presente é o de Gertrudes Ferreira Lima, de nacionalidade portuguesa, mas de alma cabo-verdiana. É uma referência como mais uma mulher que exerceu o acto de escrita. Tem colaboração entre 1892 a 1894 no Almanach Luso-Africano e no Novo Almanach. Colaborou também no Almanach Luso-cabo-verdiano.

Pretende-se deste modo, dar visibilidade, na História da Literatura, das Ideias e Mentalidades, às mulheres que contribuíram para o desenvolvimento das Letras do arquipélago.

---

<sup>1</sup> Editada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda e apresentada, em Junho de 2006, pelo Professor Doutor Alberto de Carvalho da Faculdade de Letras, Universidade Clássica, Portugal.

## *1.2. Objectivos*

A definição dos objectivos, que se pretendem alcançar ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, obedeceu à proposta de tema acima formulada e traduzem-se em:

- i) discutir o contributo dado pelas mulheres na edificação das Letras cabo-verdianas;
- ii) dar visibilidade às escritoras, autoras, poetisas e ficcionistas cabo-verdianas.
- iii) problematizar a escrita no feminino ou o feminino na escrita.
- iv) discorrer sobre a produção literária da autoria de algumas escritoras cabo-verdianas;

## *1.3. Metodologia*

A realização deste trabalho impõe a constituição de um corpus textual que abarque textos produzidos pelas proeminentes escritoras, autoras, cronistas, jornalistas, poetisas e poetisas da nossa literatura, numa amostra constituída aleatoriamente.

O estudo literário dos textos em referência, pela aplicação de métodos de abordagem literária adequados, revelará certamente a qualidade dos textos com vista à sua potencial integração na literatura nacional. Prevê-se também a recolha de dados e informações complementares inerentes ao tema em execução, feita através de pesquisas bibliográficas.

Para fazer este trabalho, optou-se por estabelecer uma cronologia, respeitando a seguinte ordem: do século XIX a 1930; de 1930 a 1960, e por fim, de 1960 à actualidade.

Assim, os passos a seguir traduzem-se em:

- i. consulta de textos da imprensa escrita – jornais, revistas, boletins, outros, - com publicações e colaborações femininas;
- ii. levantamento dos nomes que mais se afiguram no cenário literário cabo-verdiano.
- iii. escolha dos textos objecto de estudo no sentido da constituição de um corpus textual;
- iv. construção da bibliografia de suporte teórico atinente à fundamentação e ao enquadramento conceptual da pesquisa;
- v. construção do quadro teórico referencial;

- vi. Tratamento de alguns textos previamente seleccionados pela aplicação de métodos de abordagem literária adequados

#### *1.4. Estrutura do Trabalho*

Este trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos, correspondendo cada um aos diferentes aspectos que este trabalho desenvolve.

Capítulo I - apresenta a **Introdução** do trabalho onde se podem apreciar a apresentação e a justificação da escolha do tema, se definem os objectivos, a metodologia seguida e se apresenta a organização interna do trabalho.

Capítulo II - inscreve a **Fundamentação teórica** que constitui o eixo teórico-metodológico da pesquisa sobre o qual assenta o trabalho. A produção literária da autoria das mulheres recoloca a questão da escrita feminina e/ ou no feminino que será questionada a partir de algumas perspectivas já existentes e posicionamentos teóricos defendidos.

Capítulo III – sob o rótulo de **AS MULHERES E A LITERATURA CABO-VERDIANA**, faz um inventário das mulheres que estão historicamente ligadas ao cenário literário cabo-verdiano, adoptando a perspectiva diacrónica. Esta produção literária será enquadrada de acordo com critérios genológicos, segundo os géneros e subgéneros literários cultivados – a poesia lírica, a ficção narrativa e o drama. A temática e a presença de figuras femininas, nos textos literários, na sua condição de personagens imaginárias, serão também analisadas.

Capítulo IV – apresenta algumas **Considerações finais** que se puderem aduzir da reflexão desenvolvida e da leitura textual realizada para além de enunciar alguns caminhos a desbravar futuramente relativamente à presença das mulheres nas letras cabo-verdianas.

Capítulo V – reúne a **Bibliografia** que serviu de suporte teórico, literário e metodológico ao trabalho. Organizada em bibliografia **activa** – textos referenciais objecto de uma análise mais aturada – e **passiva** que engloba os estudos críticos e literários utilizados.

## II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. *O conceito de literatura e a literatura feminina*

A apetência das mulheres cabo-verdianas para as letras e para a cultura foi de há muito registada por vários estudiosos da Literatura e da Cultura cabo-verdianas, nacionais e estrangeiros. Muitas são as referências a elas dirigidas, que destacam a qualidade dos seus trabalhos literários, se bem que não haja, até ao momento, um estudo aprofundado sobre essa contribuição que nos foi legada.

Historicamente, situa-se a escrita literária das autoras femininas no século XIX, como ficou já demonstrado. Contudo, no século XX, a participação das mulheres na vida cultural conhece um

desenvolvimento sem precedentes, o que lhes permite conquistar uma maior autonomia e visibilidade social. Elas são, assim, cada vez mais numerosas nas profissões intelectuais e artísticas, com uma aceleração sensível na segunda metade do século.

Um levantamento cuidado e sistematizado dessa contribuição literária dispersa revelará a visão feminina sobre a coisa literária, permitindo que se consagrem, no contexto literário e cultural, até ao momento dominado quase exclusivamente por autores e escritores masculinos, as produções escritas no feminino.

Do ponto de vista teórico, a conceptualização e a ancoragem teórica encontram seus principais pilares nas reflexões e abordagens no discurso feminino e/ou o discurso no feminino, aspectos importantes para a definição de uma “literatura feminina”.

Entende-se por *escrita feminina*, a escrita intencionalmente preocupada com as questões das mulheres e as suas posturas em relação à sociedade em que vivem. Esta definição avançada por Isabel Allegro<sup>2</sup> encontra ancoragem na produção literária das escritoras cabo-verdianas uma vez que os mundos literários que edificam são povoados de personagens femininas que encarnam e simbolizam as situações existenciais experimentadas pelas mulheres no seu quotidiano.

Fala-se de *escrita no feminino* quando se refere aos aspectos relacionados com as mulheres, mesmo que os autores sejam de sexo masculino, ou seja, pode tratar-se da *escrita por mulheres*, como pode *ser escrita por homens*. O que caracteriza esse tipo de escrita é o conteúdo, a temática e não os autores/escritores.

Pela história semântica do *lexema literatura*, pode verificar-se algumas dificuldades inerentes ao estabelecimento de uma definição do respectivo conceito: o *lexema* é fortemente polissémico. (...) A literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscritos no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos. (...) Na época positivista, essas dificuldades e os melindres do estabelecimento do conceito da literatura foram simplista e radicalmente suprimidos, ao aceitar-se como literatura, seguindo talvez a sugestão oferecida pela etimologia do vocábulo, que permite definir *todas as obras, manuscritas ou impressas, que representassem a civilização de qualquer época e de qualquer povo, independentemente de possuírem, ou não, elementos de ordem estética*.

---

<sup>2</sup> Allegro, Isabel, **O Sexo dos Textos**, p. 21

Como quer que seja urge reconhecer a necessidade urgente de estabelecer com rigor um conceito de literatura enquanto fenómeno estético específico.

O estudioso da Literatura portuguesa, João Gaspar Simões<sup>3</sup> interroga-se sobre se há uma *Literatura Feminina*. A sua resposta é afirmativa e justifica-se com a constatação da realização artística de algumas mulheres ficcionistas em alguns países da Europa, como a França, a Inglaterra. Quanto a Portugal, defende que escassos são os «*nomes femininos dignos de emparceirar com os masculinos, não obstante o grande número de escritoras com que contam já as nossas letras*»

Primeiro que tudo, dão testemunho do quanto a categoria “*Literatura Feminina*” encerra um emaranhado de narrativas sobre a política do género em determinado momento, em determinado espaço nacional e cultural, em determinadas conjunturas editoriais e críticas.

Na *História da literatura Portuguesa*, Óscar Lopes regista o surgimento de obras de ficção de autoria feminina sobre «*questões que se prendem com a posição social e política da mulher.*»<sup>4</sup>

Contudo, regista-se, no plano literário-cultural, um silêncio ensurdecido em relação a referências a essas obras.

A escritora Agustina Bessa Luís<sup>5</sup> defende que *há, sem dúvida, uma “escrita de mulheres” que procura dar voz à nova consciência da condição-de-mulher ainda em germinação. Por diferentes que sejam as formas dessa escrita feminina, há uma característica comum que as identifica entre si: são escritas que se querem estruturadas ou amalgamadas com a própria substância do feminino, do ser-mulher no próprio acto-de-viver. Ou melhor, uma escrita que já não objectiva representar ou denunciar determinada realidade, mas se quer (ou se pretende) fundadora/instauradora de uma realidade-outra, ainda amorfa, desconhecida da maioria; e cuja pedra-base seria a força cósmica (ou mítica?) do feminino, tal como se teria manifestado na origem dos tempos e que acabou sendo domada e deformada por milénios de sucessivas civilizações.*

*Por outro lado, Isabel Allegro (1995:10) é de opinião que os textos são tecidos linguísticos e a matéria da língua é toda ela sexuada. Os textos reflectem o “sexo de quem presta atenção, sente, pensa, ficciona, fala e escreve”.*

---

3

<sup>4</sup> António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, s.d., 16ª Ed., p. 1075.

<sup>5</sup> In O Prefácio a *Tarde demais Mariana* de Filomena Cabral

Seguindo a mesma linha de ideias, esta escritora admite que a escrita feminina tem revelado facetas e possibilidades novas na criação literária; tem contribuído para dar voz à experiência das mulheres e ao inconsciente feminino, deixados mudos pela cultura (masculina) dominante. “... Sempre houve escritores em quem, de certa forma, reconhecemos uma escrita feminina (e vice-versa)”<sup>6</sup>

Ela faz distinção entre “duas fundamentais modalidades de escrita:

- a) Uma mais próxima do que é a vida, historicamente determinada, das mulheres, e
- b) Outra mais de acordo com a maneira dominante de estar no mundo, a dos homens.

E então é possível verificar que a escrita no feminino é, como é natural, a de autoria feminina, mesmo se alguns homens-escritores a tornem sua; mesmo se alguns autores revelam aqui e ali traços idênticos. É possível descobrir ainda nessa escrita algumas vertentes de novidade trazidas pelas mulheres à literatura (vertentes, em geral, silenciadas ou silenciosas, ou simplesmente inexistentes, nas narrativas masculinas.)

Uma das formas de identificar as características próprias em obras de autoria feminina, trata-se de verificar a hipótese de a escrita “feita por mulheres apresentar ‘qualidades’ (em sentido neutro) próprias, diversificadas.”<sup>7</sup>

As grandes linhas paradigmáticas, identificadas por Allegro, em relação à escrita das mulheres, têm sido a anglo-americana e a francesa:

- a) *Anglo-americana* - centra-se, predominantemente, em textos de autoria feminina cuja matéria é a opressão sexual e social das mulheres e as suas lutas de libertação. Nela se manifesta a prioridade dada a uma atitude reivindicativa, a qual, apesar de toda a crítica ideológica ao sistema patriarcal, não recusa a sua inserção nesse sistema, antes procura dentro dele um lugar para si. A crítica feminista anglo-americana preocupou-se, em geral, mais com o conteúdo dos textos, do que com a sua opressão.

---

<sup>6</sup> Isabel Alegro de Magalhães, *O Sexo dos Textos*, Editorial Caminho. Lisboa. 1995. p 10

<sup>7</sup> in op cit p 17

- b) *Francesca* - preocupa-se com a definição de uma identidade feminina e com as suas realizações simbólicas, procurando encontrar uma linguagem própria para as suas experiências do corpo e da intersubjectividade, deixadas mudas pela cultura dominante. Segundo essa vertente crítica as estruturas profundas da repressão feminina residem na supressão simbólica da subjectividade das mulheres, do corpo e do desejo. Assim, artistas, escritoras, procuram explorar uma dinâmica dos signos e a expressão de uma identidade própria relativamente ao outro sexo.

Allegro afirma que existem, no entanto, diversos textos literários com uma preocupação feminista, ou escritos de um ponto de vista feminino e envolvidos numa pesquisa dos valores das mulheres. Um olhar pelo panorama da literatura escrita por mulheres, a partir da segunda metade dos anos 50, mostra que uma nova geração de escritoras (aderindo a uma nova concepção de romance) chegava, para problematizar a condição feminina, no mundo “pós-tudo”.

Essa geração formou-se no pós-45 e começa a escrever no período “fechado” da Guerra-fria, sob a influência do existencialismo sartriano (que vê o homem como um ser-para-a-morte). A problemática central de suas obras se circunscreve à inevitável solidão humana e aos conflitos gerados pelas relações homem-mulher, vistos através de um enfoque ético-psicológico.”

Como se torna cada vez mais claro, o complexo questionamento da condição feminina vai muito além de meras conquistas de “direitos-iguais” aos dos homens. Um dos “*pólos atractivos na escrita de autoria feminina é o da criação de universos fantásticos ou de um realismo mágico, onde se dá o cruzamento de uma dimensão de magia com a vida quotidiana e com uma re-interpretação da História*”.<sup>8</sup>

Assim, o que difere a escrita feminina da escrita masculina é o ponto de vista. E isso tem a ver com algo de mais permanente: com uma percepção e uma atenção que as mulheres, pela sua história, foram levadas a desenvolver.

---

<sup>8</sup> In op. cit. 17

### III. AS MULHERES NO CENÁRIO LITERÁRIO-CULTURAL CABO-VERDIANO

#### *3.1. A produção literária das mulheres cabo-verdianas*

A Literatura Cabo-verdiana cedo começou a receber contribuições femininas, pois, já no século XIX, as mulheres começaram a participar activamente nas produções literárias.

Nessa óptica, começa-se por destacar uma escritora e poetisa cabo-verdiana, Antónia Gertrudes Pusich (1805), que se distinguiu no século XIX. Foi uma das primeiras poetisas de África a colaborar no “*Almanach de Lembranças*” para o ano de 1854, que pelo mérito dos seus

poemas foi caracterizada como sendo de uma grande criatividade literária: “ Nos primeiros anos do Almanach, os de África não se atreviam a mandar colaborações. Uma cabo-verdiana, cedo transplantada para Lisboa, Antónia Gertrudes Pusich, filha do Governador e amigos dos Castilhos, foi o primeiro poeta ultramarino a ver seus versos incluídos desde o ano de 1854.” (*Almanach de Lembranças, 1854 – 1932. página 17*).

Revelou-se, também, como jornalista pois “*pode afirmar-se ter sido a primeira fundadora, directora, proprietária e redactora de jornais, invulgar actividade de uma senhora naquele tempo*”.<sup>9</sup> O seu nome está ainda ligado ao teatro e à música. De entre outros, escreveu “*Constança*”, drama de três actos (1853) e, nos anos de 1847 e 1848, fez executar na Academia Filarmónica pequenas composições para orquestra da sua autoria.

Além desta destacável senhora, destacam-se ainda, Ana Procópio (1873), Maria Luísa de Sena Barcelos (1893), Ivone Aida Ramos, Orlanda Amarílis e Yolanda Morazzo.

De acordo com os marcos cronológicos tomados como balizas e fronteiras, de 1930 a 1960, destacam-se as escritoras Leopoldina Barreto (1937), Fátima Bettencourt e Maria Margarida Mascarenhas (ambas de 1938), Alice Wahnnon Ferro (1940), Dina Salústio (1941), Arcília Barreto (1945), Ana Júlia Sanca (1947), Luísa Queirós (1948), Maria Madalena Silva (1951), Vera Duarte (1952), Alzira Cabral (1955), Ana Paula Martins T. de Carvalho (1957) e Helena Regina R.M. Teófilo (1959).

Para além das autoras acima mencionadas, ofereceram as suas contribuições às Letras cabo-verdianas, já numa outra fase (de 1960 à actualidade), as autoras Lídia do Rosário (1961), Nélida Rodrigues, Luísa Chantre e Eliana Lima (todas de 1964), e por último, mas não menos importante para a Literatura Cabo-verdiana, a autora Alicia Borges (1966).

Essas autoras são poetisas, cronistas, jornalistas e ficcionistas (contistas, romancistas), por isso são produtoras de obras que se enquadram em todos os géneros literários (considerando os três grandes géneros: o Lírico, o Épico e o Dramático), especificamente romances, contos, poesias, textos jornalísticos, revistas literárias, entre outras.

Nas suas obras têm debruçado sobre temas que têm a ver com a sociedade, com a vida para além de si mesmas, dos seus problemas privados, enfim, debateram temas sociais de vária

---

<sup>9</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol.23, página 747*

ordem. Destacando um exemplo prático, Yolanda Morazzo “liderou de forma directa e aberta a luta contra a prepotência e a injustiça que até então reinavam no arquipélago, servindo-se da poesia, fazendo da criação literária um meio e uma forma de denúncia global do sistema colonial, de consciencialização do homem africano (...) de reivindicação de identidade autêntica e de plena autodeterminação”.<sup>10</sup>

### 3.2. Os géneros e subgéneros literários cultivados – a poesia lírica, a ficção narrativa e o drama.

A discussão em torno dos géneros literários não é passiva, uma vez que autores diversos, tais como Platão, Aristóteles, Horácio, entre outros, bem como diferentes correntes literárias têm assumido relativamente a eles, ao longo dos tempos e da evolução dos estudos literários, posições divergentes. Nessa óptica, o termo “género” ora se refere a categorias acrónicas e universais – a lírica, a narrativa, etc. – ora se refere a categorias históricas e socioculturais – o romance, o romance histórico, a ode, a ode pindárica, o soneto, etc.

Por isso, a fim de evitar ambiguidades, alguns teorizadores têm proposto uma designação para as categorias meta-históricas e outra para as classes históricas: Goethe distingue entre as formas naturais da literatura, que abrangem a lírica, a narrativa e a dramática, e as espécies literárias, isto é, as classes históricas, tais como o poema épico, o romance, a tragédia, determináveis dentro daquelas formas naturais.<sup>11</sup>

Conforme ficou atrás dito, a contribuição feminina no campo literário abrange praticamente todos os géneros literários, pois marcaram presença quer a nível da poesia, quer a nível da prosa ou drama.

Na lírica, de uma forma geral, ”Interessa, desde já, reter bem esse facto: a partir do início da década de trinta, e mercê de circunstâncias de natureza política, social, histórica e literária, algo ocorreu nas ilhas cabo-verdianas, a que não é alheia a influência da literatura brasileira. ”Ora aconteceu por aquelas alturas, nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *por domo nostra*”. É Baltasar Lopes quem isto afirma, citando autores como José Lins de Rego, Jorge Amado, Armando Fontes, Marques Rebelo”.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> *Pré-Textos, Revistas de Arte e Letras e Cultura. Dezembro de 1998*

<sup>11</sup> Silva, Aguiar, *Teoria da Literatura*, p. 385

<sup>12</sup> Ferreira, Manuel. *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. p. 37

A presença feminina na moderna literatura cabo-verdiana é preenchida por Yolanda Morazzo que aparece integrada no grupo do Suplemento Cultural. A sua lírica de então tende a enraizar-se numa poética caracterizadamente cabo-verdiana. Em *Cântico de ferro* (1976) reúne alguns dos seus versos que vão desde 1956 a 1975, onde o espaço angolano é a semântica por excelência. (pág. 51-52)

Além de Yolanda Morazzo, no concerne à poesia lírica, aparecem as figuras de Maria Luísa Sena Barcelos, com colaboração no Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro, Maria Alice Wahnon Ferro com *Espontâneos* (1993) e também com colaboração em vários órgãos da imprensa, nomeadamente Farol, Arquipélago e Mundo Cabo-Verdiano. Aparece ainda Ana Júlia M. de Macedo Sança com a obra *Arco Vírus e Vibra Sóis* (1986) e Vera Duarte com duas das suas obras: *Amanhã Amadruçada* (1993) e *Preces e Súplicas* ou os Cânticos da Desesperança (2005)

A nível da narrativa, no que concerne à contribuição feminina neste subgénero, destacam-se Maria Margarida Mascarenhas, que participou em "Selo" e com longa colaboração no *Cabo-Verde e Presença Crioula* (Lisboa) evidenciando qualidades de mérito real e também Orlanda Amarílis que esteve ligada ao grupo de *Certeza*, cuja revelação vem com o seu livro de contos *Cais-do-sodré té Salamansa* (1974). Ela sagra-se como a primeira narradora cabo-verdiana com livro publicado. As suas narrativas são histórias tecidas da experiência cabo-verdiana e do mundo e o espaço literário localizado entre a ilha de S. Vicente e a cidade de Lisboa, simbolicamente um pouco da diáspora cabo-verdiana. De um lado, um certo "desencanto" (que veio a ser título de um dos contos), ou a mal contida amargura, ou a nostalgia no exílio, em terra onde aos protagonistas fazem sentir que são estranhos; por outro, a inserção no mundo de carências da terra natal ou o reencontro possível com as raízes e uma penetração no fantástico adequado a certos níveis mentais do arquipélago.

Textos de excelentes recursos estilísticos, uma reapropriação do lastro dialectal de inegável rigor e sugestivo efeito, eis-nos na fruição (barthesiana) de uma linguagem caboverdianizada, das mais bem conseguidas da ficção crioula. Sensibilidade marcadamente feminina, cativa dos gestos, das falas, das apetências quotidianas, o seu discurso alarga o tecido de análise social e psicológica e aprofunda a perspectiva do drama na narrativa cabo-verdiana. (pág. 70)

Para além dessa obra, ainda da mesma autora, estão enquadradas dentro desse género as obras *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A Casa dos Mestros* (1989).

Nesta mesma linha destacam-se Antónia Gertrudes Pusich com *Dois Mistérios* (1854-55), Ivone Aida Ramos trazendo *Vidas Vividas* (1990), Leopoldina Barreto apresentando *Monte Gordo* (1997) e *As Vítimas do Amor Impossível* (2004), Fátima Bettencourt com *Semear em Pó* (1994), Maria Margarida Mascarenhas trazendo *Levedando a Ilha* (1988), Dina Salústio exibindo *A Louca do Serrano* (1991) e por último, mas não menos importante, Vera Duarte com *A Candidata* (2003-4).

Já no campo do drama, pode constatar-se que, uma das formas menos expressivas desta literatura, é a área do teatro. Pode dizer-se que, em Cabo Verde, no domínio da arte teatral, no que tange à presença feminina, há apenas "Olinda ou a Abadia de Cunnor Place" (1848), teatro (poema em 5 actos) e "O Regedor da Paróquia, Constança ou o Amor Maternal" (1853), drama (em 3 actos), ambos de Antónia Gertrudes Pusich.

### 3.3. A temática – os temas tratados na poesia lírica, na narrativa ou ficção e nos textos dramáticos

Levando em consideração a vasta gama das produções escritas dessas escritoras, a temática é diversa, visto que se debruçaram sobre temas de vária ordem, desde a ordem social, cultural até ao político.

Das inúmeras vezes que tomaram as mulheres como tema, debruçaram-se sobre os diferentes tipos de mulheres, tendo em conta a sua vivência – apresentam-se como mulheres telúricas, fortes solitárias e misteriosas. Tomando como exemplo o conto *Liberdade Adiada*<sup>13</sup> da escritora Dina Salústio, em que a personagem principal é uma mulher que foi mãe precocemente e que veio a ter muitos filhos e ao longo da história, é-nos apresentada a sua situação de mãe solteira que tem que trabalhar arduamente para sustentar os filhos.

Essa personagem, devido a tantos problemas chega a pensar em suicidar-se, vindo nesse acto, interpretado como liberdade, a única solução possível para a resolução dos seus problemas. Só não o fez por amor aos filhos que a aguardavam em casa:

"Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada.(...) À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. (...) Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás."<sup>14</sup>;

---

<sup>13</sup> In Mornas Eram as Noites, p.

<sup>14</sup> Salústio, Dina. *Mornas Eram As Noites*, 1994, pág. 6

Também as há divididas, intranquilas, ancoradas na reflexão sobre si e o passado, àquelas apresentadas como sonhadoras, sempre em busca de algo, e ainda às que vivem uma espera passiva e paciente de um tempo diferente: isso acontece com Tanha, uma das personagens de *Vidas Vividas*, da autora Ivone Aida Ramos, que vive dependente da pesca do marido;

« — Oh mulher! Estás ”játa”, sonhas uma vida diferente para Maninho, mas como? Com o dinheiro da venda do peixe? (...)»<sup>15</sup>. Tanha, depois do desaparecimento do marido no mar enlouqueceu pouco a pouco até que chegou a não se preocupar com os filhos que tanto amava: ”Tanha, desde que Catoque desaparecera, ficou como demente. (...) Tanha acabou por enlouquecer, quando a mais nova das filhas, a Lena, morreu de tifo. (...)”<sup>16</sup>

Leopoldina Barreto, sempre atenta às vivências do seu povo, analisa a forma martirizada como vivia e ainda vive a mulher, subjugada pelo fraco poder económico e dependente do trabalho remunerado do marido. Ela lança-se nessa harmoniosa senda de descrever o amor efémero fruto de ilusões, as intrigas e o diz-que-diz, os quais, urdidos por homens e mulheres, jovens e adultos, em verdadeira sinfonia, tinham o condão de minar e de desfazer lares e vidas inocentes. Na sua obra intitulada *As Vítimas do Amor Impossível*, ela conseguiu encarnar na personagem de Belinda a imagem da mulher lutadora, boa esposa, mãe carinhosa pessoa singular em cujo coração a inveja, o ódio, a maldade e tantos outros sentimentos perniciosos não encontram guaridas.

(...) Não se poupou à tentação de descrever cenas vividas na emigração, na saudade da terra longe, no desejo de regressar não raras vezes afogado nas águas frias do mar imenso.<sup>17</sup>

No seu livro *Monte Gordo* ela mostra a sua veemente ligação com as forças da natureza: enaltece a fecundidade da mulher, evidencia a vitória da perseverança do homem na luta contra a fome, descreve com paixão as rochas hirsutas com precipícios dantescos, cria tempestades em noite escura, obriga o homem a se sentir sob o domínio e a vontade de Criador Supremo.

### 3.4. A figura feminina nos textos literários.

---

<sup>15</sup> Ramos, Ivone Aida. *Vidas Vividas*, 1990, pág. 14

<sup>16</sup> *Ibidem*, pág. 24.

<sup>17</sup> In Prefácio de ”*As Vítimas do Amor Impossível*” por Carlos Raimundo Gomes.

Do ponto de vista do escritor/autor a literatura nacional é essencialmente dominada por homens. Contudo, os universos ficcionais instituídos nas histórias contadas estão povoados de personagens femininas, figuras de destaque, às quais são atribuídas uma multiplicidade de papéis a desempenhar.

É de realçar o papel que as “mulheres” desempenham nas obras dessas escritoras. Neste caso torna-se necessário referir a ficcionista Orlanda Amarílis, cujas obras apresentam, na sua maioria, protagonistas femininas no sentido em que o protagonismo tem sido estudado nos estudos literários mais recentes. Essas “mulheres/personagens” desempenham diversas funções, principalmente no domínio doméstico: são avós, mães, filhas, vizinhas, etc.

Normalmente são personagens sofredoras que lutam para alcançar os seus objectivos. Elas enfrentam situações como as de desemprego, de fome, de desespero, de conflitos sociais, entre outras.

Nessa óptica, podemos verificar que às personagens femininas é dado um tratamento especial, o que nos leva a concluir que, a partir dessas personagens, são apresentadas as situações por que passam as mulheres cabo-verdianas, quer na diáspora, quer a na sua terra natal e, ao mesmo tempo, demonstrar o valor que a mulher tem na família e na sociedade, de uma forma geral.

Para se trabalhar as figuras femininas nos textos literários, tomou-se como referência principalmente quatro autoras, quais sejam, Orlanda Amarílis, Dina Salústio, Margarida Mascarenhas e Ivone Ramos, em que serão identificadas as protagonistas, bem como os papéis que desempenham.

A narrativa das mulheres/escritoras cabo-verdianas é caracterizada por uma temática marcadamente feminina, na medida em que a figura feminina é, na maioria dos casos, protagonista, ou seja, desempenha os papéis mais importantes. Na verdade, o protagonismo literário não se constrói a partir das *referências paratextuais*,<sup>18</sup> indicações deixadas pelo autor, nem pela recorrência sistemática de referências sobre a personagem. O mesmo é dizer que, o protagonista não se define pelo número de vezes por que é referido, mas pelo estatuto que lhe é atribuído pelo narrador na diegese.

---

<sup>18</sup> O conceito de paratexto pertence à teoria da transtextualidade genética e diz respeito as relações que se estabelecem entre os elementos apresentados nos títulos, prefácios, posfácios, epílogos, entre outros, e o conteúdo da obra.

Pode tomar-se como ponto de referência a autora Orlanda Amarílis, visto que nas suas obras os papéis de maior relevo estão direccionados às personagens femininas. Nessa óptica, destacamos a obra *Cais-do-Sodré-té-Salamansa*, (1974), em que alguns contos, que a compõem, as mulheres/personagens são destacadas por desempenhar as funções essenciais.

Assim, no conto que dá nome à obra, *Cais-do-Sodré- té-Salamansa*, Andresa é uma personagem que vive na diáspora e que tenta encontrar nos patrícios, quando os encontra em qualquer lugar que seja, as lembranças da sua terra natal. No conto, ela encontra-se com a patrícia chamada Tanha, na estação de comboio, e puseram-se a conversar. Ela, para matar as saudades, faz de tudo para manter o diálogo, embora não estivesse a lembrar de quem se tratava, até que se apercebeu tratar-se de uma pessoa de uma família de que conhecia alguns elementos e algumas estórias: *"Ah! O seu pai era nhô Simão Filili? Eu julgava (estava a mentir) que a senhora fosse sobrinha dele. (...) Recordo-me muito bem da Zinha. Estava toda certa que vocês eram primas (outra mentirinha para acabar de compor o ramo). Era bonitinha."* (p12)

Com efeito, depois de estabelecer o contacto, a nostalgia toma conta do seu ser, de modo que fica estranha: *"De algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patrício, sente a necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra. Entretanto, feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer bem no íntimo lho faz sentir. Não têm afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas."* (p.16) Isso podia significar saudades da sua terra natal, pois depois que se separou da patrícia, ficou ali a recordar as estórias de feitiçaria que lhe foram eram contadas, quando menina, pela Bia Antónia, a velha criada da casa: *"Depois do jantar, Bia Antónia sentava-se num caixote (...) e discorria convicta: A primeira prova para um homem ser maçonco é atravessar descalço um mar de alfinetes. Dezie, menina, nhô Simão Filili fez esta prova como nenhum outro. Ia a atravessar o mar de alfinetes, ouviu uma trupida. Pareciam cavalos de gente-gentio, catrapau, catrapau. Dente cerrado, não voltou a cara para trás. (...) Nhô Simão, desorientado, roupa rachada, baba a escorrer, mãos picadas, nunca voltou a cara para trás. (...) Sim senhora, é de vera. Por artes de maçonaria ele costuma fazer aparecer um vapor de guerra ao bater da meia-noite."* (p.17-18)

Em *Esmola de Merca*, as personagens que se destacam, assim como nos outros contos referidos, são as femininas. Perante a situação difícil em que se encontravam as mulheres, é-nos apresentado um cenário muito triste. O motivo do título atribuído a esse conto reside no acto de solidariedade por parte dos patrícios que se encontravam emigrados nos Estados Unidos da América, que, sensibilizados com a situação do seu povo, se prontificaram em enviar-lhes alguns

subsídios, nomeadamente roupas, que denominaram de Esmola de Merca: "... *Adê, como! Nossos patrícios mandaram esmola de Merca para o nosso povo. Não sabias? (...) Juliana disse são caixotes e caixotes de roupa*". (p.70) Contudo, tinham que se expor ao sacrifício de passar horas na fila, debaixo do sol quente, à espera de conseguirem alguma coisa.

De entre as pessoas que lá foram buscar a "esmola" a maioria era mulher: "... *Na sua maioria eram mulheres velhas, andrajosas, de olhos encovados e cabelo engasgado pelo pó e falta de pente, escondido debaixo do lenço vincado de tanto uso...*" (p.76) Tudo isso acaba por confirmar, mais uma vez, a triste situação por que essa gente passava, situação essa de pura pobreza e miséria. Diante disso, elas mostravam-se ansiosas e necessitadas ao ponto de empurrar, tentando conseguir ficar à frente: "*Não é preciso empurrar, (...) tem comida e roupa pã toda gente. Nem a ouviram porque os primeiros entraram de roldão, impelidos pela onda de trapos e fome que irrompera ululando.*"<sup>19</sup>

A protagonista é a Titinha que vai ser uma das distribuidoras da esmola. Além dela fazem ainda figura a sua tia e sua madrinha, Julinha, Nha Quinha, Bia Sena, Mam Zabêl e Nha Luzia e muitas outras.

*Mornas Eram as Noites* de Dina Salústio é uma obra constituída por trinta e cinco contos, em que maioria das personagens principais são mulheres. No primeiro conto, intitulado "Liberdade Adiada, é-nos apresentada uma mulher que se encontrava numa triste situação, pois além de ter muitos filhos, encontrava-se grávida e o pior é que não tinha ninguém que a ajudasse com as despesas que a vida acarreta.

Em *A oportunidade do Grito*, Elsa, que se aparentava muito triste, é confrontada com uma outra mulher, a quem a narradora denominou de Vencedora, talvez devido à forma como encarava a realidade. Esta chama-lhe a atenção pela maneira como se apresenta: "*Tens que largar essa maneira de estar, pôr de lado o marasmo que te envolve. Parece até que estás a pedir esmolas à vida*". (p.7) Ao tentar justificar a sua forma conformista de vida, a um determinado momento, Elsa chegou a responder à outra: "... *Claro que não quero continuar neste vegetar (...) esforço-me, rezo, mas não adianta muito (...) rezo, peço a Deus...*". No mesmo instante foi interrompida pela vencedora que a responde, já no limite da sua paciência: "*Pedes a Deus? Idiota! Tens que discutir com Ele. Enfrenta-o como mulher. Mostra-lhe as tuas razões. Grita se for preciso. Ele é que te pôs aqui, não é? Pois que assumas a sua parte de responsabilidade. Enfrenta-O. Deus gosta de mulheres fortes.*" (p.8)

---

<sup>19</sup> Salústio, Dina. *Mornas Eram as Noites* – Esmola de Merca – p.79

Neste conto, faz-se um paralelo entre duas mulheres diferentes: uma passiva, a Elsa, e uma outra já mais batalhadora, mais activa, sendo que vai ser esta última a tentar trazer Elsa à realidade: "...Tens que incomodar, mostrar que existes, perturbar, brigar com o mundo e contigo (...) Os outros, vendo a coragem com que te desafias a ti mesma, respeitam-te e temem-te. Tens que dar umas trochadas, rapariga, porque quem não as dá, acaba simplesmente por as apanhar." (p.8)

Em *Álcool na Noite* somos confrontados com duas mulheres bêbadas deambulando pelas ruas, à noite, a proferir palavras obscenas aos guardas dos prédios: "...Aliás, eram as vozes de duas mulheres. A segunda faz coros com obscenidades e a desarmonia, o desleixo transparecido e o despudor agridem os ouvidos (...) E estão bêbedas..." (p.46)

Estas personagens apresentam um certo grau de agressividade pelas expressões que utilizam e ainda pela forma como uma delas responde à filha que a reconhece: "Que mania essa de andares atrás de mim feito cachorro? Qualquer dia ainda te desfaço." (p.47)

De uma forma bem geral, nesses pequenos exemplos apresentados, as mulheres, como personagens principais, desempenham diferentes papéis, umas são mulheres preocupadas com a sua situação de vida e com o bem estar dos filhos, como em *Liberdade Adiada*, outras nem por isso, como acontece em *Álcool na Noite*.

Contudo, constata-se que através das realidades vividas por essas personagens é-nos apresentada indirectamente a realidade, pois são situações que acabam acontecendo na nossa vida real. A partir daí, podemos retirar os aspectos positivos e negativos, característicos dessas personagens fictícias que, de uma forma ou de outra, acabam por representar o que se passa no nosso quotidiano.

Já em *Vidas Vividas*, de Ivone Ramos, Linda, personagem cujo nome coincide com o do conto, é uma mulher estrangeira que procura em Cabo Verde um lugar de repouso e de tranquilidade, mas que à primeira vista fica espantada com "um piso mal alcatroado, podia-se dizer térreo, o mar ali ao pé espraiando-se preguiçosamente, rochas áridas, uma desolação para quem chega de longe." (p.47) Contudo, depois de alguns dias de convivência com os amigos que foi arranjando, passou a ver a ilha com outros olhos: "Realmente a modéstia das suas gentes e o sorriso alegre desse povo cativou-a". Gostou tanto da ilha que enviou um postal à pessoa que a recomendara Cabo Verde dizendo: "Darling, tiveste razão em me encomendar esta pequena ilha. Aqui encontrei a paz, o sossego..." (p.51)

Ficou satisfeita porque encontrou em Cabo Verde algo que não tinha encontrado em nenhum outro país por onde andou, mas por infelicidade, chegou a falecer, afogada no mar, após a festa de despedida que lhe fizeram. Após a sua morte Carlos, seu melhor amigo, encontrou umas anotações que ela tinha feito em que manifestava o seu desejo de ficar na ilha e dedica o que escreveu a Carlos: "... a Carlos que soube tão bem compreender-me e inspirar-me. Quizera poder ficar para sempre aqui na Terra, ao seu lado, escutando-o a dedilhar no seu violão "Hora di bai..." (56) Além disso, começou a escrever um romance cujo universo imaginário se ancora Cabo Verde enquanto referente contextual.

Maria Margarida Mascarenhas, exibindo a sua obra *Levedando a Ilha*, traz-nos a personagem Conceição, no conto com o mesmo nome da obra, que ainda criança já trabalhava arduamente comprando e vendendo pão. Tão cedo começou que se apegou ao pão de tal modo que passava a vida a comparar as pessoas com o pão: "*Conceição comparava toda gente com pães. Nha Cunhada era um pão redondo, pesado, sem fermento e sem sal. Donato, um pão esguio tismado, de cocuruto cru coberto de farinha branca. Piota, pão enfeitado, com travo a levedura azeda (...)* Ela gostava de se comparar ao fermento". (p.11)

Ela, para garantir o primeiro lugar na fila, ia à padaria ainda de madrugada, onde, debaixo do balcão, continuava o seu sono. Desse jeito conquistou o direito àquele canto e, por conseguinte, aos pães da primeira fornada.

Para além da Conceição, outras mulheres também enfrentavam essa situação, destacando-se, assim, Piota e Nha Cunhada. Piota, sendo uma concorrente, não admitia a ideia de Conceição ter conquistado primeiramente o lugar, e não lhe perdoava por isso, de modo que fazia de tudo para implicar com ela. Numa das suas discussões, Piota fala-lhe de sua origem, aparecendo assim a figura de Nha Cunhada, mulher que vai tomar conta dela, substituindo a mãe que nunca teve.

Nha Cunhada acaba por deixar de desempenhar o papel de mãe devido à sua morte, dando oportunidade a Donato, o padeiro, de assumir o cargo de responsável por ela: "*Depois do enterro veio Donato e levou Conceição para a casa dele.*" (p.15) Mesmo assim a sua luta não termina. Enfrentando várias dificuldades, todos os dias mede a ilha vendendo pão: "... de fome em fome, de fastio em fastio, engordando as formas dos sacos vazios (...). Da padaria às casas, de porta em porta, escadas-

*acima-escadas-abaixo, levedando a ilha (...). E a criança às costas agita-se com refilice. (...) Rejeita a pausa e, mentirosamente ágil, retoma a volta. A mais penosa. A recolha do dinheiro.” (p.16)*

Ainda nesse conto apresenta-se a relação mulher/natureza, a partir do apego de Conceição aos elementos naturais: *”Conceição amava o deserto (...) Banhava-se no pó, sentia as pedras e brincava com as nuvens em permanente mutação ao sabor do vento (...) corria desafiando as nuvens, desafiando o vento”.* (p.14)

No conto *Vigília*, ainda em *Levedando a Ilha*, Paula vive maritalmente com Armando e sofre as consequências dessa união. Armando bebia e aprontava, chegando a agredi-la fisicamente, justificando-se e pedindo desculpas infinitas vezes. Após os seus actos de violência doméstica, era frequente afirmar: *”que tudo fora a força do grogue, que nunca mais voltaria a repetir (...)”.* (p.18)

Uma situação embaraçosa e frequente na sociedade cabo-verdiana é-nos apresentada nesse conto, que é a troca constante de parceiros. Paula, decepcionada com o seu modo de vida, faz uma retrospectiva ao seu passado. Ela relembra o seu relacionamento com Toi, seu primeiro homem, de quem tem boas recordações e saudades, pois sempre a tratara bem. A partir desse relacionamento é apresentada a esperança da mulher em relação ao casamento: *”Ela era menina! Falou-lhe em casamento (...) De repente notou que ele já não falava em casamento ...”*(p.19) . Apresenta-se também a crença no “malfeito”, para justificar a não realização do casamento: *”Foi então que a Bia lhe veio contar que a Nuna fizera “corda” para o Toi não casar com ela”,* mostrando a relação entre duas mulheres que têm o mesmo parceiro, pois Nuna vivera com Toi e dessa união nasceram três filhos.

Aparece ainda a figura da avó e o seu papel na educação dos netos. Após a separação de Paula e Toi, quem vai cuidar das filhas do casal é a mãe do Toi, ou seja, a avó.

Depois de se separar de Toi, Paula passou a viver com Manel, mas *”não se interessava muito por ele (...) preferiu o Manel por desaforo. Sabia que ele e Toi não se davam (...). Não viveram muito tempo juntos (...)”.* (p.19) Dessa união nasceu um filho a quem, após a separação, o pai levava alguma coisa de vez em quando. *”Depois do Manel resolvera não ter mais homens. Para quê? Só davam aborrecimentos (...). Mas a vida decorria menos mal. Tinha o seu negócio. Todos os dias subia à cidade com seu tabuleiro de venda. Apareceu este então. O Armando.”* (p.20) Este seu actual parceiro era cinco anos mais novo do que ela, no entanto, foi o pior de todos os outros. Ela suportou muitas desavenças até que, não aguentando mais, abandona-o e vai viver a sua vida.

## IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, procuramos dar visibilidade à contribuição feminina para o desenvolvimento das letras cabo-verdianas e discutir, embora de uma forma pouco aprofundada, as noções de *escrita feminina* e *o feminino na escrita* enquadrados no conceito de literatura feminina.

As mulheres escritoras cabo-verdianas conquistaram e ganharam o seu espaço na literatura cabo-verdiana. De uma forma surpreendente, vêm oferecendo contribuições nas diversas áreas de escrita, importantes para o desenvolvimento da literatura e da cultura cabo-verdianas.

De acordo com as informações recolhidas, as mulheres participam efectivamente na produção literária do país, ao trazerem, nos seus textos, temas relacionados com a vivência do povo cabo-verdiano, evidenciando as situações por que passam, nesse caso, as mulheres cabo-verdianas, quer dentro ou fora do seu país.

Além de registar a presença das mulheres na literatura cabo-verdiana, trabalhamos também as personagens femininas nas obras dessas autoras, constatando os inúmeros papéis que representam e os vários estatutos que assumem dentro da narrativa e, extensivamente dentro da própria sociedade cabo-verdiana – mãe, avó, amiga, vizinha, enteada, entre outros.

Contudo, constata-se que através das realidades vividas por essas personagens é-nos apresentada indirectamente a realidade, pois são situações que acabam acontecendo na nossa vida real. A partir daí, podemos retirar os aspectos positivos e negativos, característicos dessas personagens fictícias que, de uma forma ou de outra, acabam por representar o que se passa no nosso quotidiano.

Assim, de acordo com a vivência das referidas personagens, podemos constatar que a mulher aparece como componente da sociedade que vive as atrocidades do ambiente físico e social, mas ao mesmo tempo procura um caminho possível para superar as dificuldades. Além disso, através dos encontros, quer no país quer no estrangeiro, ela transmite ao leitor os seus sentimentos, as suas preocupações e fundamentalmente a réstia do passado que ficou. Isso leva-nos a concluir que as personagens de qualquer dessas autoras são mulheres que lutam pela sobrevivência e pelo seu bem-estar, independentemente da posição do seu companheiro ou de qualquer outra pessoa a elas ligadas.

Ficou claro que as personagens femininas são traçadas e colocadas em classes diferentes, mas ela têm entre si traços comuns de comportamento, talvez características próprias das mulheres cabo-verdianas, que fazem parte de um grupo social específico.

Dos textos que foram tomados como ponto de referência, pode dizer-se que as suas autoras revelaram um profundo conhecimento da psicologia feminina, mostraram-se conhecedoras das diversas situações por que passam as mulheres, da pobreza e da miséria que as envolve.

Isso leva-nos a concluir que essas autoras se preocupam com a classe feminina, deixando transparecer essas preocupações nos seus textos.

## V. BIBLIOGRAFIA

### Activa

- AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do-Sodré-té-Salamansa*. Contos. Coimbra. Centelha Editora. 1974
- RAMOS, Ivone Aida Fernandes. *Vidas Vividas*. Julho 1990, 1ª edição
- SALÚSTIO, Dina. *Mornas Eram As Noites*. Junho 1994. Edição Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco – Praia;
- MASCARENHAS, Maria Margarida. *Levedando a Ilha*. Contos, 1988;

### Passiva

- MAGALHÃES, Isabel Alegro de. *O Sexo dos Textos*. Lisboa: Editorial Caminho. 1995
- RECTOR, Mónica. *Mulher – Objecto e Sujeito da Literatura Portuguesa*.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. ICALP, Col. Biblioteca Breve. 1986
- MOSER, Gerald M., *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. 1854-1932;
- GOMES, Aldónio & CAVACAS, Fernanda. *Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 2ª Edição; data?

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Livraria Almedina, Coimbra. 8ª edição.vol.I;

endereço [http://us.geocities.com/ail\\_br/urgenciadecontar.htm](http://us.geocities.com/ail_br/urgenciadecontar.htm);

[http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02\\_10.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_10.pdf);

## ANEXOS

## QUADRO SÍNTESE DAS MULHERES NAS LETRAS CABO-VERDIANAS

BALIZAS CRONOLÓGICAS	NOMES	ANO DO NASCIMENTO	LOCAL DO NASCIMENTO	FORMAÇÃO ACADÉMICA	PRODUÇÃO LITERÁRIA	GENEROS E SUBGÉNEROS	ANO DE PUBLICAÇÃO
DO SÉCULO XIX – 1930	Antónia Gertrudes Pusich;	1805	Ilha de S.Nicolau		- Olinda ou a Abadia de CunnorPlace; - O Regedor da Paróquia, Constança ou o Amor Maternal; - Dois Mistérios	Teatro (poema em 5 actos)  Drama (em 3 actos)  Romance	1848  1853  1854-1855
	Ana Procópio	1873	Fogo		Canções improvisadas, recolhidas e publicadas em Claridade, 9	Canções	
	Maria Luísa Sena Barcelos Pinto Ferro	1893	S. Vicente		Colaboração poética em Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro	Poesia	1883-1890

	Orlanda Amarílis Lopes Rodrigues Fernandes Ferreira	1924	Santa Catarina - Ilha de Santiago	Curso do Magistério Primário de Inspectores do ensino básico.	-Cais-do-sodré té salamansa - Ilhéu dos Pássaros - A Casa dos Mastros - Facécias e Peripécias - A Tartaruguinha	Contos  Contos  Contos  Literatura Infantil  Literatura Infantil	1974  1983  1989  1989  1997
	Yolanda Morazzo Lopes da Silva Cruz Ferreira	1928	S. Vicente		- Cântico de Ferro. Poesia de Intervenção	Poesia	1976
	Ivone Aida Ramos	1926	Preguiça – S. Nicolau		- Vidas Vividas	Contos	1990
DE 1930 A 1960	Leopoldina Barreto	1937	Santo Antão		- Monte Gordo - A Ilha do Rei Titão; - As Vítimas do Amor Impossível	Romance Literatura infanto- juvenil Romance	1997 2000  2004
	Fátima Bettencourt	1938	S. Vicente	Curso do Magistério Primário	-Semear em Pó - A Cruz do Rufino	Contos Literatura Infantil	1994 ...
	Maria Margarida Mascarenhas	1938	S. Vicente		- Levedando a Ilha	Contos	1988

	Maria Alice Wahnon Ferro	1940	Santo Antão	Curso do Magistério Primário; Bacharelato em Educação e Educação Bilingue; Mestrado em Inglês como Segunda Língua	- Espontâneos	Poesia	1993
	Bernardina Oliveira Salústio	1941	Santo Antão		- Mornas Eram as Noites - A Louca de Serrano - A Estrelinha Tlim Tlim - Participante em J. L. H Almada, Morabilis de Veias ao Sol	Contos Romance Literatura Infantil	1994 1991 2ª ed.? ... 1991
	Arcília Barreto	1945	S. Vicente	Licenciatura em Economia	Participante em J.L.H. Almada, Morabilis de Veias ao Sol *		1991
	Ana Júlia M. de Macedo Sanca	1947	Santiago		- Arco Vírus e Vibra Sóis; *	Poesia	1986

	Maria Luísa Queirós	1948	Lisboa – S. V.	Curso Geral de Pintura	- As Ilhas da Outra Face da Lua; - Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto	Literatura Infanto-juvenil  Literatura Infanto-juvenil	1992  1996
	Maria Madalena Tavares Soares Silva	1951	Ilha do Sal	Curso do Instituto Superior de Serviço Social	Participante em Aulil. Contos e Poemas; J. L. H Almada, Morabilis de Veias ao Sol		1987  1991
	Vero Valentina Benrós de Melo Duarte	1952	Mindelo – Ilha de S. Vicente	Licenciada em Direito	Participante em Jogos Florais 12 de Setembro 1976. Antologia de Poesia cabo-verdiana; -* - Amanhã Amadrugada; - A Candidata; - Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança	Poesia  Romance Poesia	1976  1977  1993  2003-4-2005

	Alzira Avelino Pires Cabral	1955	Bissau	Curso de Secretariado e Relações Públicas	Participante em J. L. H Almada, Morabilis de Veias ao Sol		1991
	Ana Paula Martins Torres de Carvalho	1957	Ilha de Santiago	Curso de Sociologia	Participante em Jogos Florais 12 de Setembro 1976 J. L. H Almada, Morabilis de Veias ao Sol		1976  1991
	Helena Regina Teófilo	1959	S. Vicente	Ensino Secundário	Participante em Canto Liberto		1981
DE 1960 A ACTUALIDADE	Maria Lúcia do Rosário	1961	S. Nicolau	Ensino Secundário	Participante em Canto Liberto		1981
	Nélida Rodrigues	1964	Santo Antão		Participante em Canto Liberto		1981
	Lúcia Chantre	1964	Ilha do Sal	Ensino Secundário	Participante em Canto Liberto		1981
	Eleanora Maria de Oliveira Lima	1965	S. Vivente	Ensino Secundário	Participante em Canto Liberto		1981
	Alicia Maria Lima Borges	1966	S. Vivente	Ensino Secundário	Participante em Canto Liberto		1981



